



A HISTÓRIA DE TERESA - A VIDA DE UMA IMIGRANTE MOÇAMBICANA EM PORTUGAL

Dinazilda Cunha de Oliveira ¹
Maria José Magalhães ²

A história de Teresa ilustra a realidade vivida por muitas mulheres imigrantes. As questões da adaptação, o estigma, o preconceito racial, o sexismo, infelizmente acabam fazendo parte não só desta história de vida, mas do cotidiano de muitas mulheres imigrantes. A força do relato impulsiona o principal objetivo, que é a análise dos fenômenos psicossociais implícitos na imigração feminina africana, partindo de um estudo de caso. Numa busca pela compreensão do conteúdo subjetivo, articulamos o discurso às reflexões acerca das questões da imigração feminina, sob a ótica das relações de violência de gênero, “raça” e classe.

As palavras de Teresa demonstram como as relações de gênero e poder acontecem de forma diferenciada nas diversas sociedades. Em nossos estudos não podemos deixar de tomar o referencial da cultura como uma variável importante na análise:

É assim, ser mulher em Portugal, num contexto mais europeu, digamos, que até é bom. É bom numa perspectiva europeia, se bem que até agora em África já começamos a caminhar pra isso. Há muitos aspectos, imaginemos, talvez em África eu ser a única mulher, por exemplo, num curso e ter que sair para ir fazer trabalhos só com homens e, às vezes, implicavam fazer noitadas, não é? Isto não sei se em África seria bem encarado. Aqui na Europa, também já se passou por isso, eu mal comecei a aprender, e aprendi mesmo.” (Teresa, 2010).

Neste sentido, recordamos a entrevista de Butler (2002), em que a autora discorre acerca das mulheres de véu dos países islâmicos e sua crítica acerca da posição de algumas feministas que fazem análises sobre as condições destas mulheres sem se darem conta de que convém deter sobre o fenômeno um olhar antropológico.

Nossa narradora faz um paralelo e expõe as diferenças que ela observa em sua cultura de origem e na que ela atualmente se insere. O contato com outras formas de pensar a realidade e outras práticas, no que se refere às relações de gênero, é motivo de reflexão e mudanças em sua forma de viver e estar no mundo. Afinal, a alteridade promove uma auto-crítica que acarreta questionamentos no sentido de propiciar transformações. Logo abaixo, a narradora expressa sua opinião sobre ser mulher imigrante em Portugal:

E ser mulher aqui significa lutar! Não é fácil ser mulher imigrante! (Teresa, 2010).

¹ Mestre em Psicologia da Saúde, FPCE-Universidade do Porto. Email: conversacomigo@gmail.com

² Doutora em Ciências da Educação, FPCE-Universidade do Porto. Email: mjm@fpce.up.pt



A integração da mulher moçambicana... a integração até acaba por ser... é mínima! Eu acho na minha opinião, cá. (Teresa, 2010).

As representações acerca das mulheres e do “feminino”, em seu elo com o trabalho, são uma dimensão importante na análise do conteúdo da história de vida que recolhemos. A experiência de Teresa permite-nos aceder aos processos sociais de construção de subjetividades genderizadas (Marshall, 1994), atravessadas de racializações (Collins, 2009).

A nova ordem econômica não propiciou igualdade de condições entre os gêneros. Ao contrário, reforçou hierarquias, desigualdades e assimetrias, que são vividas pelas pessoas como experiências que marcam. Teresa é uma mulher para quem o trabalho constitui uma componente essencial da sua identidade, desde muito nova. É também no contexto das suas experiências laborais³ que ela vai ser alvo de sexismo-racista.

A violência sexista e racista de que a nossa narradora foi alvo constitui uma dimensão fundamental para equacionar as vidas das mulheres negras nas relações sociais:

Outra das coisas que eu achava que era violência é quando eu estava a trabalhar no Porto. Porque aqui, sabes. Sabe que trabalhar com homens não é fácil. Uma coisa é na universidade, estamos ali, vamos trabalhar todos. Mas, às vezes, no banco, sobretudo, eu via. Fazia o meu trabalho, mas ao mesmo tempo olhavam para o aspecto sexual, não é bem sexual, mas os homens a olhar para a mulher como se ela não estivesse ali a trabalhar. Eu via isso por parte de alguns. Mas olhar num sentido mais de alguém que nos dá prazer ou que nos pode... digamos não é... tipo estar sendo “tentado”. Ai vem aqueles comentariozinhos: “Ai a preta “gostosa””. Aqueles piropinhos. Eu para mim acho isso um bocado... Não gostava! Gostava quando me olhavam pelo lado profissional. Quando isso acontecia, gostava. Mas quando já virava e: “Olha, ela hoje! Já viram como está a preta hoje?! Tá toda sexy e não sei quê. Mas pronto. (Teresa, 2010).

A forma como o corpo da estrangeira é visto e nomeado na linguagem social, nos remete a uma reflexão acerca do discurso coletivo sobre a construção desta imagem corporal. Butler (2008), afirma que a linguagem tem o poder de modelar os corpos. Fazendo esta reflexão, compreendemos que o corpo da mulher estrangeira é alvo da materialização de um signo lingüístico, de uma construção social discursiva em torno da sexualização e de sua objetificação.

Se partimos da idéias de Butler (2008) e pensarmos no gênero como categoria normativa, podemos inferir que em Portugal, relativamente às questões de gênero no âmbito da mulher estrangeira, prevalece uma norma sexual que instaura um poder regulador sobre a própria subjetividade dessas mulheres, que passam a viver sob condições de opressão.

³ Para Esteves et al. (1991, p.43): “Aqueles níveis de qualificação da mão de obra oriunda dos PALOP (países de língua oficial portuguesa), associados ao desenvolvimento de práticas segregacionistas, condicionam uma inserção desfavorecida dos imigrantes no mercado de trabalho, revelada pelos indicadores sobre a situação na profissão, os sectores de actividades e as categorias sócio-profissionais.”

Em sua história de vida, Teresa conta que em Portugal ocupou posições laborais como operária numa fábrica, no McDonald's e outras. Demonstrando que a imigração a iguala a tantos/as outros/as imigrantes africanos, no sentido de, em Portugal, pertencer a uma classe social desfavorecida.



Com é que alguém está a andar na rua... Pára! Será que somos assim tão sem princípios? Sem ética? Quem somos nós? Como é que eles olham pra nós?! (...) Se é fácil de confundir, de olhar para nós por sermos estrangeiras... (...). Mas há que haver um mínimo de respeito! Tu tás a andar na rua, tens a tua profissão. (...) Quer dizer, o fato de tu seres brasileira, e imagina que ele pára?! E eu no meu caso sou moçambicana e estou com uma colega, eu sou preta, ok? Gosto de dizer assim: “Africana, negra!”. Estou a andar com uma colega portuguesa. Até esse exemplo é o melhor porque ali nota-se perfeitamente a diferença. Porque uma é mais escura, outra é mais clara e a outra que está ali é... No teu caso enquanto tu não abrires a boca... Ou também se apercebem porque temos umas formas completamente diferentes. O próprio corpo, a forma de andar, tudo. Existe algo e eles sabem reconhecer isso. Os homens sabem reconhecer e olhando: “Aquela ali não é portuguesa”. Por causa do, como é que é... [risos] O balanço do próprio corpo. Agora no meu caso, se estou eu com uma portuguesa, qualquer um não tem que fazer esforço. Tá ali patente: A negra e a branca! Ok, aquela é portuguesa porque ele já sabe reconhecer, mas pára o carro. E diz: “Olá,vamos?”. Quer dizer, eu fico mal. Perante aquela colega que está comigo ou perante alguém que me conhece na rua e vê um carro a parar porque achou que eu era da vida. A prostituta é a profissão delas, não tenho nada contra, tenho respeito por qualquer uma. Agora que me confundam?! Põe em causa até o meu nome! Porque a outra que estiver ao lado de mim vai dizer: “Epa! Pronto, acho que a Teresa nos seus tempos livre ou aquela moça a Teresa, ou a Maria... Será que?”. (Teresa, 2010).

“Essas coisas é que nos põem mais revoltadas e eu acho que não aconteceu só a mim. Eu tenho colegas, principalmente estrangeiras, a quem já aconteceu isso. Há muitas a quem acontece! E depois isso é assim, aqui! Uma coisa são uns piropos, outras porque eles mesmos... Vou te dar um exemplo de um sítio. Tenho também amigos portugueses. Foi até com uma amiga brasileira que acabava de chegar. Ela está em Coimbra a fazer o mestrado. Entretanto, ela não tinha ainda uma semana aqui. Ainda assustada, não sabia como encarar os portugueses: “Que eles são uns frios...”. Ok! Saímos e eu dizia, vamos tomar um café. Um que frequentamos muito, há muitos anos. Chagamos lá e pronto, viram logo que a moça era brasileira, [uma] estranha, nunca tinham visto! Os homens todos quase que... “Ah, quem é, quem é?!” Pensaram logo que a moça era uma menina da vida! Isso foi agora, em setembro por aí! Agora! É recente! É a história mais recente que eu conheço. E a moça só queria sair daquele sítio! Ela lá parada e a ver aqueles olhares. Alguns como eu conhecia chegaram a mim: “Olha, Teresa quem é aquela moça?” Uns até conseguiram se aproximar da mesa, que era para tentarem ver se a moça era... se fazia isso. Eu, mais tarde, tive que ir lá ter com eles: “Se faz favor, ô meus senhores! Eu já vos conheço há tanto tempo! Por favor, quietos que ela não é dessa vida! Vocês, se quiserem, sabem onde estão os sítios e vão. A moça está conosco, chegou há pouco tempo do Brasil, nem sabe como é que isto é!”. Quer dizer, isto é um susto para alguém que acaba de chegar! Há alguns anos era menos, agora é mais, muito mais. A estrangeira é facilmente abordada nesse sentido. (Teresa, 2010).

A própria sociedade tem uma visão sexualizada da estrangeira. E já dizem: “mas quanto é que é?” (Teresa, 2010).

A experiência de Teresa reafirma a proposta de Butler (2002) acerca de que os discursos habitam corpos. E que os corpos carregam em si o discurso que lhes é atribuído como parte de sua constituição. Segundo a autora, não é possível ninguém sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado/a pelo discurso. Teresa sente “na pele” que a sua categorização como estrangeira lhe imputa uma sexualização do corpo que a acompanha onde quer que ela esteja.

A rua é um local de encontro, de reconhecimento e de trocas. Os estudos antropológicos demonstram que a rua é mais que um espaço arquitetônico, uma via de passagem. Ela vira casa, local de protesto, via em que acontecem manifestações folclóricas e religiosas, etc. Pensamos não na rua em si, como espaço arquitetônico, mas na experiência da rua para além de um espaço de circulação, como lugar e suporte de sociabilidade (Magnani, 1993).

De acordo com Da Matta (1985), é a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o



reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas. É, neste palco, que Teresa vive a grande maioria das situações de violência de gênero que fazem parte de sua história. Ao contrário da grande maioria das denúncias de mulheres que relatam a violência ao nível do privado, o caso de Teresa demonstra como no espaço público a mulher está exposta a vários riscos e principalmente a mulher estrangeira que ainda é mais vulnerável.

Agora, pensando em algumas situações. Ser encarada, acontece nas ruas. Sim, acontece. Ou és confundida, pensam que és uma prostituta. Só porque és mulher, és africana, já começam. Pára um carro, ou porque alguém vem, pede-te um favor, faz de conta que está procurando um sítio. A pessoa conversa com ela e, mais tarde já, está a abordar outro assunto encaminhado para a prostituição, o que me leva muitas vezes a ficar chateada. Quer dizer, aquela pessoa vem, aborda-me pergunta onde é um sítio não sei onde, tento explicar e depois fala mais um bocadinho, eu, claro, demonstro sempre alguma simpatia, sorrio, para depois daí virem então: “Quanto é?”. Quanto é o quê? Chateia-me! Chateia-me mesmo! (Teresa, 2010).

De acordo com recentes pesquisas realizadas⁴, constata-se que a violência de gênero ultrapassa o âmbito doméstico. Apesar da violência doméstica ter uma grande expressividade na história da violência contra as mulheres, este não é o único espaço em que ela acontece. Na literatura, observamos que a maioria dos trabalhos enfatizam a violência doméstica em detrimento da violência no espaço público, talvez pelo maior percentual de casos registrados. Considerando também a importância de pensarmos a violência no espaço público, nosso trabalho buscou enfatizar este aspecto, em concordância com a própria experiência da narradora.

A Comissão pela Igualdade de Gênero em Portugal aponta que, em termos percentuais, são agredidas e agredidos nas ruas 12,8 % mulheres e 30,2 % homens. Nos espaços públicos 6,3% mulheres e 8,1% homens. Em vários locais 6,7 % mulheres e 6,4% homens. Nas escolas 3,0% mulheres e 7,1% homens. No local de trabalho 6,0% mulheres e 15,9% homens. Na casa de família/amigos 4,5% mulheres e 9,6% homens. Em outros espaços 0,8% mulheres e 7,9% homens. E finalmente, na própria casa 60% mulheres e 14,9% homens.

A partir dos dados acima, para as mulheres, o espaço mais perigoso é o doméstico. Fora de casa, podemos dizer que a rua é o *locus* em que a violência preferencialmente acontece. Logo, a reflexão acima justifica-se e aponta para a necessidade de observar o fenômeno da violência de gênero também nesta perspectiva. Na história de vida, Teresa relata as seguintes situações de violência vivida na rua:

Duas vezes. Em uma delas veio um moço português, eu distraída do nada, agarra-me as mamas! Eu comecei a gritar, gritar ali mesmo. Era um jovem dos seus vinte e poucos anos. Isso foi em Aveiro, na altura eu devia estar no segundo ano já na universidade de Aveiro. Foi na rua perto da universidade. Ele agarrou-me as mamas

⁴ Inquérito Nacional de Violência de Género, SociNova/CesNova – FCSH-UNL/CIG, 2007, ver gráfico 4.7



e foi-se embora. E eu gritei: “Estúpido!” Mandeí lá palavrões, e pronto. A segunda, nem tem muito tempo, um outro jovem. Eu a caminho, dentro da universidade. Aqueles caminhos rápidos que nós muitas das vezes usamos para chegarmos mais cedo. Eu estava a andar num belo dia de verão, trazia uma saia, não era curta. Até podia ser! Tou a andar e vejo uma pessoa atrás de mim. Ando um bocado, sinto um vulto, mas não me dei conta. Um moço “raça” branca, tamos aqui! Português, penso eu. Levantou-me a saia e agarrou-me o rabo! O bumbum! E eu apanhei um susto e gritei! Ele correu, fugiu! Quer dizer, casos que me marcaram assim, de olhar e de ver. Como é que essa gente nos encara! Como é que essa gente é assim?! E outros casos... (Teresa, 2010).

Nas várias situações em que foi abordada, Teresa, em alguns momentos, reagiu imediatamente e abaixo citamos as falas em que ela expressa como se sentiu e suas estratégias de defesa:

E tipo, tá um carro e eu tou a andar a pé e um carro pára. Eu olho pra ver se conheço a pessoa, não conheço, continuo a andar. Pára a segunda vez. Eu paro, olho, se tiver naqueles dias em que estou mesmo revoltada com essas situações, já me aconteceu várias vezes e houve muitas colegas minhas que aprenderam isso comigo e safaram-se de muitas. Pára o carro, porque eles não querem ser reconhecidos, fazem discretamente. Param, param pra ver: “se ela for... entra logo no carro”. Não, eu paro e grito! Grito mesmo na rua: “Olha, pensas que toda gente é prostituta, sai já daqui, sai já daqui!” Como não querem ser reconhecidos, eu faço de propósito, desperto a atenção e ele vai se embora.” (Teresa, 2010).

“Já tive várias discussões por aí. Discussões no sentido de olhar para as pessoas e dizer assim... Se estou numa loja ou estou num centro comercial e vem alguém “manda uma boca”, um piropo, como dizem aqui. E eu apercebo-me que aquilo ele não faria a outra mulher ou aquele olhar não teria. Eu, às vezes, paro, não quero saber quem está ao lado da tal pessoa, se estiver a mulher, às vezes são homens casados e fazem isso. Se tiver a mulher muitas vezes eu chego e digo: “Tu pensas que todas nós somos prostitutas? Mesmo que se fosse uma prostituta pensas que as pessoas têm que ser tratadas assim?”. Há casos em que eu digo mesmo isso. Já cheguei a envergonhar pessoas.” (Teresa, 2010).

“Na rua se me confundem! Ou se chamam nomes! Dependendo dos dias, eu paro e tento por aquela pessoa na linha e educar, sinceramente! Quando nos faltam ao respeito. É uma atitude racista. Às vezes não ligo, mas, às vezes temos que reagir, não é?!” (Teresa, 2010).

A perseguição, ou *stalking*, é uma das dimensões da violência contra as mulheres, que deixa marcas importantes nas vítimas:

O caso mais gritante de todos, acreditas que isto parou a cerca de dois anos?! O que é que me aconteceu? Isso pra dizer o cúmulo, até que ponto em que nós chegamos! Uma das férias, eu saio, vou a um banco, vou à Caixa Geral [de Depósitos], chego lá, era pra comprar um televisor que a minha família pediu. Mas eu ia ver se dava para pagar a prestações, cheques. (...). Precisavam dos meus dados. Ok, passo lá os dados. Afinal de contas isso vai parar à mão de um senhor, funcionário do banco. Já não é jovem, tinha os seus cinquenta anos. (...) Passa um dia, no segundo dia estou a receber uma chamada no meu telemóvel e alguém a gozar com uma voz “nhenhe” de criança: “Olá, princesinha... não sei quê”. Eu ligo pro meu namorado e digo: “Ouve lá, tu tás a fazer alguma palhaçada comigo? Tás a mandar alguém ligar para mim? Tenho aqui o número.” Ele disse: “Não”. Eu disse: “Então, olha, alguma coisa tá-se a passar. Porque há uma pessoa estranha que está a ligar para o meu telemóvel e parece que estou a ser seguida não sei por quem?!” O senhor continua a ligar e eu, sem dar conta, estava a ser espiada, sem eu me aperceber. Ele diz-me assim... [o senhor]: “Ligo outra vez?”. E o meu namorado diz: “Olha, faz o seguinte, faz assim, combina um encontro com ele. Explicas e combinas para apanhar-te no sítio tal. Já que ele diz que te conhece bem.” [Teresa diz, recordando a fala do senhor]: “Olha eu conheço, eu também nasci na Tanzânia, conheço a Tanzânia por isso é que eu... eu conheço a Tanzânia e não se quê...” Eu, [pensei]: “Epa, esse caso já está a ser complicado!”. Eu antes de saber quem era a pessoa, [pensei] como é que [ele] conseguiu essa informação sobre mim e tudo: “Epa, isso não é normal”. Entretanto, eu sigo o conselho do meu namorado e ligo:

- Ok, já que conheces onde eu vivo?
- Tu vives não sei onde? Eu conheço, conheço a tua casa.
- Ah é? Ok, então. Olha, faz o seguinte então, vem cá.



Começamos a ver, nós morávamos no quarto andar, vimos o carro a estacionar e liga a dizer: “Olha, já estou aqui”. Só para podermos identificar bem o carro, para termos a certeza eu digo: “Olha, sai e pára no sítio tal.” O senhor quase se apercebe, quem está a descer era o meu namorado, foge! Vai se embora! Depois à noite volta a acontecer a mesma coisa. Eu digo: “Ah, vem para o sítio tal”. Só que esse dia ele aparece já a pé e foge. O meu namorado vai atrás dele a pé, para o sítio onde ele se meteu. Apanhou-lhe e disse:

- Faz favor, o que o senhor quer? O que tu queres com a minha namorada? Diz-me o que que se está a passar agora?! Os dados que tu tens, como conseguiste?

- Ah, não... É que eu vi que ela nasceu na Tanzânia e eu já lá estive...

Tudo mentira! Quando ele diz [o namorado]:

- Quem é o senhor? Diz a verdade senão eu vou lhe espancar!

- Ah, eu trabalho na Caixa Geral de Depósitos. Eu vi o processo dela, vi a moça e, portanto, comecei a seguir. Desculpa que não vai acontecer mais.

Mentira! Eu era seguida todos os dias! O senhor mesmo depois disso... Tive para ir dar queixa à polícia. Eu já sabia qual era o carro e tudo. Estou a andar e via, era o carro do tal senhor que estava a perseguir-me. À noite, em casa, o carro ficava lá parado em baixo. Quase dei queixa na polícia, mas depois descobrimos que o tal senhor que era... Em frente à casa, nós tínhamos um café. (...) éramos todos amigos e, um dia, do nada, em conversa, começamos a comentar sobre o tal senhor que trabalhava num banco e o moço disse: “Esse aí é marido da minha irmã! Mas eles já não estão juntos, estão separados, esse senhor já tem muitos processos contra ele, já foi transferido de vários sítios. Mas ele continua a ter a mesma atitude. E Eu: “Ah, meu Deus!”. Continuou, nós saímos daquela casa há dois anos. Só assim! (Teresa, 2010).

O *stalking* consiste em uma forma de vitimação sobre a qual não existe na literatura uma definição única e universal. O termo tem origem inglesa, identifica uma forma de violência através de situações de perseguição e ameaça, de forma persistente, continuada e intencional. De acordo com Jesus (2006), o comportamento do *stalker* possui determinadas peculiaridades: invasão de privacidade da vítima, repetição de atos, dano à integridade psicológica e emocional do sujeito passivo, lesão à sua reputação, alteração do seu modo de vida, restrição à sua liberdade de locomoção. Em Portugal, ainda não existe legislação penal específica sobre o *stalking*.

O cenário mundial demonstra que a convivência entre diversas culturas gera muitos conflitos. E a Europa ainda tem um grande desafio em relação às questões trazidas pelo racismo, haja vista que, com o mundo globalizado estas posturas têm vindo a agravar.

A idéia de “raça” implica erroneamente a noção de algo definitivo e biológico. A etnia possui um significado social. Logo, diferentes características podem servir para distinguir um grupo étnico de outro, dentre eles a língua, história ou linhagem, religião, os costumes, tradições, hábitos, etc. Para Machado (2006), em Portugal, observa-se que o uso cotidiano da idéia de etnicidade se atrela às hierarquias.

Assim como Machado (2006), outros/as autores/as compartilham a idéia de que o uso do termo etnia ou etnicidade pode ser conveniente e esconder um processo de branqueamento e retirada da raiz histórico-política que a denominação “raça” sustenta.

Dentro da tradição da psicologia social observa-se que as minorias sociais são intensamente suscetíveis ao isolamento social, à exclusão, ao racismo e a xenofobia.



Em Portugal os casos de racismo e xenofobia infelizmente fazem parte do cotidiano social. De acordo com Gusmão (2004, p. 104), essas são “realidades concretas e visíveis, em particular nos grandes centros urbanos, como Porto e Lisboa e são fatos permanentemente noticiados na imprensa e também são objeto de políticas públicas e de intervenção acadêmica”.

Em sua história, Teresa se defronta muitas vezes com situações que ela percebe que é racismo:

Isso para dizer, mesmo se houvesse algum problema gravíssimo e eu resolvesse, no dia seguinte, o chefe elogiar era um problema, eu sentia! Mas era a preta também! Eu sentia: “Essa tipa onde é que foram buscar?” Para dizer que são essas oportunidades que não podemos ter medo pela cor e isto já contém um bocado do que é ser imigrante e trabalhar. Pensam que nestes sítios os imigrantes, o africano não tem direito de lá estar! (Teresa, 2010).

O aspecto exterior conta, a “raça” conta! (Teresa, 2010).

A partir dos estudos Vala et. al (1999), compreendemos que o que ocorre na sociedade portuguesa é o mesmo tipo de racismo que é flagrante nas sociedades europeias. Não existe uma minimização no caso português, por mais que esta idéia queira ser transmitida. E nossa narradora sente em seu cotidiano que é vítima de discriminação não apenas racial, mas de gênero e pelas questões de classe: “Discriminam-nos por sermos mulheres, discriminam-nos como eu falava, pela classe social ou pelo elitismo” (Teresa, 2010).

O relato de Teresa demonstra como a discriminação, o racismo, o preconceito, a xenofobia são realidades vividas no cotidiano. Ao pensarmos nas experiências em relação ao racismo, nos damos conta que elas são também exemplos de uma postura em que as mulheres e homens são postos como abjetos (Butler, 2002).

A discriminação sentida é sempre global, tornando difícil separar o racismo do sexismo, xenofobia ou homofobia, como se pode observar na citação anterior. No entanto, notamos a presença de algumas dimensões da opressão nas experiências da nossa narradora que apontam para o fato dela ser mulher. Deste modo, a história de Teresa é também denunciadora da violência sexista e racista que as mulheres africanas sofrem em Portugal.

Bibliografia

Butler, Judith. *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. Florianópolis: Revista Estudos Feministas (01) p.155-167, 2002.

_____. *Cuerpos que importan: Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2008.



Collins, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Londres: Routledge, 2009.

Da Matta, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

Esteves, Maria do Céu (org.) *Portugal, país de imigração*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1991.

Gusmão, Neusa M. M. *Os filhos da África em Portugal – Antropologia, multiculturalidade e educação*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

Jesus, Damásio de. *Stalking*. São Paulo: Complexo Jurídico Damásio de Jesus. [on-line] Disponível em http://cjdj.damasio.com.br/?page_name=art_028_2006&category_id=339 Consultado em 20/02/2010.

Machado, Igor. *Imigração em Portugal*. Estudos Avançados, n.20. vl. 57 pp. 119-135. São Paulo: USP, 2006.

Magnani, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana* [on-line] In: NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP. [on line], 1993. Disponível em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Consultado em 15/01/2010.

Marshall, Barbara L. *Engendering Modernity: Feminism, Social Theory and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1994.

Vala, Jorge (org.). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*. Oeiras: Celta Editora, 1999.